

Grupo dos 24

pede mudanças

WASHINGTON — Os 24 ministros que representam 130 países em desenvolvimento nas reuniões dos comitês assessores do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional apresentam hoje aos países industrializados um documento onde afirmam que a crise econômica internacional esta-se intensificando. O comunicado — resultado de três dias de estudos — será entregue em meio à crença dos comitês assessores de que a reunião do Bird e do FMI caminha para o fracasso.

Os representantes dos países em desenvolvimento insistem “na urgente necessidade de adotar-se uma nova estratégia de desenvolvimento, orientada a partir das causas estruturais da crise e retomar um crescimento a longo prazo, socialmente equitativo e compatível com as obrigações externas”.

Mas fontes presentes à reunião observaram que “quase todos os líderes mundiais terão eleições nos próximos 18 meses, com o que será muito difícil a adoção de decisões globais”, como querem os países subdesenvolvidos. Acrescentaram ainda que esses líderes têm uma precária base interna, que impediria decisões mais importantes dos países industrializados para aliviar a crise.

O documento dos 24 pede ainda “o pronto e completo desmantelamento das múltiplas formas de proteção, em sua maioria barreiras alfandegárias estabelecidas pela maioria dos países ricos, e a restituição de regras de liberdade comercial acordadas nas negociações do Gatt”.

Os delegados japoneses demonstraram, em conversas reservadas, pouca disposição em modificar a impressão no resto do mundo de que estão mais dispostos a aceitar o aumento das importações dos países industrializados ou dos subdesenvolvidos. E os da Alemanha Ocidental não abandonaram sua resistência à expansão, preocupados com consequências inflacionárias.

Mesmo diante dessas posições, o grupo dos 24, entre os quais está o Brasil, insiste em que “não menos importante é a necessidade de uma normalização das correntes de capital”, inclusive com a reversão das transferências dos países endividados para o mundo industrial. E defendem “doses extraordinárias de financiamento oficial, um maior financiamento privado e a restituição da confiança nos mercados de capital”.

A dura realidade — disse outra fonte presente à conferência — é que os 24 têm feito reivindicações repetitivas, e os países industrializados responderam com indiferença. As condições não são as mais auspiciosas para mudanças”, disse.